

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MARIA DO CÉU FIALHO

Universidade de Coimbra

ÉSQUILO E O CONTEXTO HISTÓRICO DA COMPOSIÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE *SETE CONTRA TEBAS*^{1*}

RESUMO

Em *Sete contra Tebas* a cidade grega sitiada por Gregos é espelho da fragmentação política que já se torna visível na Hélade do tempo. A guerra civil assume a natureza de um processo de ‘barbarização’ do Gregos. Tebas representa o espaço de ruptura política da Hélade e Ésquilo chama a atenção, uma vez mais, para as consequências das lutas internas.

Palavras-chave: Ésquilo, guerra civil, pólis, Grego/Bárbaro, mulheres.

ABSTRACT

In *Seven against Thebes*, the Greek city, besieged by Greeks, is a mirror of the political fragmentation which was already perceptible in Hellas at that time. Civil war takes the shape of a process of ‘Barbarization’ of the Greeks. Thebes represents the space of political rupture in Hellas, and Aeschylus calls attention, once again, to the consequences of internal struggles.

Keywords: Aeschylus, Civil War, Polis, Greek/Barbarian, Women.

Ninguém se apresentou, como Ésquilo, no teatro em Atenas com uma experiência vivida do que representou o esforço de rechaçar a poderosa ameaça persa e a importância fulcral dessa vitória. O poeta combatente de Salamina viveu, certamente, os terríveis momentos de tensão que antecederam a batalha, na incerteza até à última hora, de que Heródoto nos dá conta no seu relato historiográfico, da adesão de toda a Hélade ao excepcional e decisivo esforço bélico que Salamina

^{1*} Este trabalho é desenvolvido no âmbito do Projecto de Investigação do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e representa o desenvolvimento do texto de uma conferência proferida na Universidade de Valência em Abril de 2007.

representou. Sem Salamina, nunca a ameaça estrangeira seria afastada de território da Hélade e o mapa da(s) cultura(s) europeia(s) ter-se-ia, decisivamente, delineado, a partir daí, de um outro modo.

A ameaça parecia estar temporariamente afastada do cenário político mais próximo da Hélade, após a vitória sobre os Persas em Artemísio e Salamina em 480 a. C. e em Plateias e Mícale em 479 a. C., mas nada voltará a ser como dantes. A partir de então, com a entrada, por duas vezes, dos Persas em Atenas, a Hélade consolidou a consciência de que o seu solo não era inexpugnável; tomou, também, consciência de que um perigo comum a espreita, que ameaça a sua própria identidade, e da eficácia do esforço conjugado entre as diversas pólis para fazer frente a esse inimigo – consciência, aliás, levemente obliterada poucas décadas decorridas, durante a Guerra do Peloponeso, em que os Persas se convertem em parceiros nas mais estranhas alianças com as facções que, no universo grego, se digladiam².

O perigo da desagregação helénica e do que ela, fatalmente, acarretaria parece ser um dos aspectos fulcrais da mensagem esquiliana na dramatização poética da derrota dos *Persas* na peça homónima.

A conversão da História em Mito, operada pelo dramaturgo, que assim confere à *hybris* de Xerxes e às suas trágicas consequências uma dimensão universal, faz com que, a partir desse momento, tal acção trágica tenha uma dimensão que toca e afecta também o público ateniense. Quer dizer, aquela é, potencialmente, a *hybris* de qualquer governante ou qualquer estado — ultrapassar os limites impostos pela sua própria natureza e o seu lugar no cosmos geopolítico que outra coisa não é senão uma parcela do grande cosmos regido por uma *Dike* universal em consonância com o divino³.

O instrumento que levou à queda de Xerxes, motivada pela própria *hybris* e prevista por antigos oráculos, foi a força conjugada dos Gregos,

² Várias fontes históricas atestam esta complexa e paradoxal estratégia de forças helénicas que, para alcançarem supremacia sobre o inimigo interno, nesta longa guerra civil, buscam reforço, uma vez debilitadas, junto de um ancestral antagonista que pôs em perigo a própria identidade helénica e, por muito pouco, a não aniquilou. Tal realidade é perceptível, entre outros, em Tucídides e, muito mais tarde, no testemunho de Plutarco, deixado com o trajecto biográfico de figuras gregas como, inclusivamente, a do ateniense Alcibíades.

³ Sobre a mitificação da derrota persa em Salamina e a conseqüente conversão da *hybris* e da queda de Xerxes e do seu poder no destino trágico potencial de qualquer infractor, Bárbaro ou Grego, vide M. C. Fialho, “*Os Persas* de Ésquilo na Atenas do seu tempo”, *Mathesis* 13 (2004) 209-225.

numa espécie de *homonoia* com a vontade divina, com o próprio solo e as suas forças ctónicas. Foi esse estado de graça de união entre todos, traduzido numa espécie de *eusebeia* colectiva, que representou a chave da vitória — o que Ésquilo tão bem soube sugerir no relato do Mensageiro persa. A união grega, em consonância com o querer divino, adquiriu uma eficácia inabalável. Aquilo que espera o *hybristes*, uma vez desrespeitado este princípio de harmonia cósmico-política, é o destino paradigmático de Xerxes e, com ele, o de todo um império. O poeta não deixa, todavia, de sublinhar, ainda que no diálogo entre a Rainha e o Coro desloque subtilmente, por um processo de sinédoque, o tema da identidade helénica de ‘Hélade’ para ‘Atenas’, que a acção conjugada na batalha de Salamina é dos Gregos em conjunto e que a ofensiva em terra é, sobretudo, espartana, em conexão com a ofensiva naval⁴.

Estamos no ano de 472 a. C. Desde as grandes batalhas, campais ou navais, entre Gregos e Persas nos anos de 480-479, Atenas e as cidades iónicas não perdem a consciência de que a manutenção de uma poderosa armada é imprescindível como barreira eficaz de defesa contra a ameaça persa. Por outro lado, os rumores sobre o comportamento de Pausânias, na sequência dos resultados da expedição panelénica a Chipre e durante o cerco de Bizâncio levam a que Esparta lhe dê ordem de regresso. A própria Esparta recua na sua participação nas hostilidades navais⁵.

Por esses anos (478/477) Atenas e um conjunto significativo de pólis iónicas e eólicas e de ilhas pertencentes à esfera de influência ateniense celebram uma aliança de defesa sob a hegemonia de Atenas. Assim nasceu a Liga de Delos, em cuja organização se distinguiu Temístocles e Aristides, como um pacto de força crescente e tendência autonomizante no contexto da simaquia panelénica liderada por Esparta.

Em toda esta movimentação de influências geo-estratégicas da Hélade, permanece viva a consciência da ameaça do Outro por excelência, o Persa, mas também a consciência de que as antigas fragilidades e tensões internas tendem a agravar-se. A Hélade defende-se contra o estrangeiro e cria defesas contra si mesma. É neste complexo universo de contradições que se desenvolvem tendências partidárias diversas em Atenas: uma, que defendia o reforço da hegemonia ateniense, o qual

⁴ Vide S. Goldhill, “Battle Narrative and Politics in Aeschylus’ *Persae*”; *JHS* 108 (1988) 189-193.

⁵ J. M. Blásquez, R. López Melero, J. J. Sayas, *Historia de la Grecia Antigua* (Madrid, Catedra 1999²) 493 *sqq.*

significava também um reforço do antagonismo com Esparta, outra que entendia essa política hegemónica de Atenas como o caminho para uma fracturação e enfraquecimento internos e defendia uma reaproximação a Esparta. De um lado estava Temístocles, do outro Címon⁶.

Cinco anos mais tarde, já de acordo com a sua nova concepção de arquitectura trilogica, Ésquilo põe diante dos olhos do espectador ateniense a sua dramatização trágica do mito da Casa dos Labdácidas que, através de gerações sucessivas, vai conjugando culpas ancestrais de família com a demonstração de que essas culpas estão no próprio sangue e na natureza das gerações que se sucedem.

A eficácia do antigo oráculo de Apolo a Laio, como se verá, conjuga-se com a violência da própria maldição de Édipo. E esta ilustra a distorção de elos de sangue dentro daquela casa, como ficará nítido na terceira peça da trilogia, a única que até nós chegou e que tão grande êxito viria a conhecer na Antiguidade, a ponto de figurar, na selecta das sete peças esquilianas organizada por mão anónima no tempo de Adriano, destacada das outras duas peças da trilogia: *Sete contra Tebas*.

O cenário de acção é o da guerra civil, com a vivência de pânico que acarreta para aquela parte mais frágil da população dos sitiados, que são as mulheres. Derramado será, consoante a maldição, o sangue entre irmãos. No que tal tem de monstruoso reside a salvação da cidade. Assim, destaca-se, finalmente, a diversidade de caminhos que seguem a Casa dos Labdácidas e a pólis de Tebas. A primeira conhece a sua destruição, a segunda salva-se. É aqui que o destino de ambas se separa, depois de a permanência da primeira ter posto em causa a sobrevivência da segunda, como a própria voz dos deuses o havia previsto com clareza e insistência, de acordo com as palavras do Coro (vv. 742-749):

Refiro-me à antiga (*palaigene*) transgressão, logo castigada, e que perdura, no entanto, até à terceira geração – a falta de Laio, na sua rebeldia contra Apolo, que, por três vezes, no seu santuário profético em Pito, centro do mundo, lhe revelou que, se morresse sem descendência (*gennas ater*), salvaria a sua pátria.

Logo de seguida o Coro recupera, com um particular visualismo, a imagética náutica que animou toda a peça desde o seu início. Ele evoca a cena de uma tumultuosa tempestade marítima e o naufrágio iminente para

⁶ Veja-se J. R. Ferreira, *Hélade e Helenos. Génese e evolução de um conceito* (Coimbra INIC 1992) 456 et al.

traduzir a ameaça que a guerra, como consequência de culpas e maldições antigas, representa para a cidade e para os seus governantes (*basileusi*)⁷.

Mais tarde, para além da dor daqueles que se perderam, o Coro canta a vitória e salvação da cidade, cujo destino contrasta com o dos dois chefes de guerra, irmãos de sangue. Aqui se separam os itinerários da cidade salva e daqueles que a própria terra agredida há-de cobrir, pela força da maldição paterna, da vontade própria e do querer dos deuses. O equilíbrio cósmico da pólis foi recuperado, a tempestade foi ultrapassada, enquanto “a naunão engalanada, de velas negras” (*tan astolon melankrokon theorida*, v.857)⁸ da Casa dos Labdácidas navega rumo ao espaço dos mortos⁹.

Ainda que as duas primeiras peças, *Laio* e *Édipo*, se tenham perdido, penso que há razões para crer, se compararmos *Sete contra Tebas* com o lugar e a função global de *Euménides* no contexto da *Oresteia*, que Ésquilo reserva para a peça terminal de ambas as trilogias (se porventura não o fez por sistema), a conexão mais explícita ao contexto histórico-político do seu tempo.

O cenário político de *Sete contra Tebas* corresponde exactamente ao contrário daquilo que o velho combatente de Salamina tinha apresentado como o segredo da vitória em *Os Persas*. O espectador confronta-se com uma cidade grega sitiada por Gregos — mais ainda, com uma cidade grega sitiada por uma *symmachia* chefiada por um *polites* seu que, por ver frustradas as suas ambições de poder, se havia refugiado noutra pólis e aí havia conseguido alianças para atacar a sua terra de origem.

⁷ Sobre o universo de imagens esquilianas e a expressividade das suas associações em rede, especificamente em *Sete contra Tebas*, vide B. H. Fowler, “The Imagery of the *Seven Against Thebes*”, *SO* 45 (1970) 24-37 e W. G. Thalmann, *Dramatic Art in Aeschylus’ Seven against Thebes*, (New Haven/London, Yale University Press 1978) 31-81. Na senda de Dumortier, vide E. Petrounias, *Funktion und Thematik der Bilder bei Aischylos*, (Goettingen, Vandenhoeck und Ruprecht 1976). Especificamente sobre as imagens marítimas: D. Van Nes, *Maritime Bildersprache bei Aischylos* (Groningen 1963).

⁸ G. O. Hutchinson (ed. comm.), *Aeschylus. Seven against Thebes* (Oxford, Clarendon Press 1994) *comm. ad* 856-860, nota a similaridade entre esta nau e a de Teseu que, por lapso, ao regressar de Creta, após a vitória sobre o Minotauro, mantinha velas negras, ao contrário do combinado com Egeu. Tal lapso foi fatal para Egeu, na sua expectativa frustrada.

⁹ M. C. Fialho, *A nau da maldição. Estudos sobre Sete contra Tebas de Ésquilo* (Coimbra Minerva 1996) 77-102.

A realidade política do tempo mostra-nos que a fragmentação partidária, dentro das póleis gregas, uma vez ultrapassada a ameaça maior do poderio persa, se havia tornado cada vez mais profunda e, com ela, a luta pela supremacia de facções. Em Atenas, o grande vencedor de Salamina e motor da Liga de Delos, Temístocles, é votado ao ostracismo, em 470, pelas suas posições anti-espartanas. Refugiou-se em Argos, veio, pouco depois, a ser acusado de simpatia pela causa persa e, com poucas alternativas, acabou por procurar refúgio junto de Artaxerxes I. O aristocrata Címon é então favorecido por ventos propícios da política ateniense, até que o dualismo crescente e irreversível entre as duas cidades rivais levará à sua queda política, conhecendo, em 461, o caminho que o seu rival havia conhecido mais cedo – o do ostracismo..

Neste longo e continuado caminho de luta pela supremacia, dentro da Hélade, muitas foram as cidades gregas sacrificadas pela conquista estratégica. Estratégica se tornou também, desde os tempos de Salamina, como modo de compensar os mais pobres, até mesmo os escravos, que tinham participado na luta contra os Persas, a iniciativa de empreender expedições militares contra cidades gregas, não pertencentes à constelação de poder da potência que as organizava. Assim se “recolonizavam” territórios já habitados por gente grega que aí tinha a sua vida estabelecida, as suas raízes, as suas comunidades articuladas dentro dos padrões identitários helénicos. Refiro-me à realidade das cleruquias, já testemunhadas no final do séc. VI e que se tornarão um fenómeno crescente, com o seu apogeu durante a Guerra do Peloponeso. Arrasam-se cidades, usurpam-se terras e bens, aniquilam-se casas e famílias, Gregos reduzem Gregos à escravatura, sobretudo mulheres e crianças, já que os homens, na maior parte das vezes, são mortos.

Em *Sete contra Tebas* o espectador é posto diante da cidade sitiada. Todavia, a intervenção do Mensageiro, que se move entre o espaço extramuros e o espaço intramuros, assim como o Coro de Mulheres de Tebas que, do alto das muralhas, contempla, estarecido, a movimentação do inimigo que se prepara para a batalha, trazem para a acção dramática esse espaço extracénico como uma realidade assustadora que ameaça a existência da pólis. Entre esse espaço e o espaço cénico existe uma muralha de separação, simultaneamente forte e frágil¹⁰.

¹⁰ Sobre o papel exercido pelo Coro e pelo Mensageiro para a presentificação do espaço extracénico na acção dramática, vide M. C. Fialho, *A nau da maldição*, 51 sqq. Para a tensão Etéocles/Coro vide i. a. A. L. Brown, “Eteocles and the Chorus in *Seven*

A descrição dos preparativos para a batalha, feita pelo Coro, é fruto da sua observação, numa expectativa determinada pelo terror — um terror que Êsquilo caracterizou com todo o realismo. A sua escolha de um Coro de Mulheres para uma peça de guerra dá voz à parte mais frágil e sacrificada pelos efeitos da guerra¹¹. A impotência feminina para defender a cidade, as suas casas, o destino dos seus, confere às mulheres uma aguda consciência da sua fragilidade, abandonadas ao destino, numa expectativa dominada pelo terror das dores que as esperarão (78). Elas antevêm, como Coro, a situação que se desenha após a morte dos seus guerreiros, os homens da casa: as mulheres, as donzelas serão arrastadas para servir o prazer dos vencedores num leito de escravatura (112), desagrega-se a célula de construção da pólis — o *oikos*.

Todos os sinais de preparação para a batalha, lá longe, todos os sons, o pó, os movimentos, são motivo para reforçar uma vivência física do terror. A única porta aberta ao desespero feminino é a súplica aos deuses. Uma súplica espontânea e desordenada, como desordenados são os seus sentimentos e agitado o seu estado de alma, uma súplica de quem invoca a urgência da intervenção divina porque se põe nas mãos dos deuses sem outra alternativa. É esse o móbil da intervenção coral no párodo e no estásimo I¹². Ganha corpo a imagem recorrente da terra e dos seus frutos invadidos pela tempestade da guerra, como uma nau invadida pelas vagas na tormenta¹³.

Subjaz a esta fusão da imagem de turbulência marítima que ameaça a nau e os seus ocupantes com a imagem da terra inundada a consciência de que é a própria vida e fertilidade que estão em perigo, na sua dimensão física e na sua configuração institucional que dá sentido à existência humana num contexto de civilização. Não deixa

against Thebes”, *Phoenix*, 31 (1977) 300-318; sobre a relação Etéocles/Mensageiro vide H. Roisman, “The Messenger and Eteocles in *Seven against Thebes*”, *Ant. Class.* 59 (1990) 17-36.

¹¹ Thalmann, *op. cit.* pp. 103: “They represent Thebes as a whole and they embody much that is fragile and precious in the city’s life”.

¹² Sobre a função expressiva deste estásimo: K. Valakas, “The First Stasimon and the Chorus in Aeschylus’ *Seven Against Thebes*”, *SIFC* 86 (1993) 55-86.

¹³ Sobre a associação e fusão temática, tipicamente esquiliana, das imagens, como numa tessitura musical, vide A. A. Haldane, “Musical Themes and Imagery in Aeschylus”, *JHS* 85 (1965) 33-41. G. Hutchinson (ed., introd. comm.), *Aeschylus. Septem contra Thebas* (Oxford, Univ. Press 1984) *comm. ad* 706-708, assinala: “until the last line, the image is of a storm-wind changing”.

de ser sintomática a atitude de Etéocles, perante o Coro., no episódio I, propondo-lhe o recolhimento a casa ou uma forma de comportamento religioso de acordo com as conveniências do estado – o que poderíamos entender como planificação do religioso por parte de quem chefia (ainda que seja compreensível a preocupação de Etéocles em calar estímulos de perturbação emocional no exército)..

O Leitmotiv da terra-mãe (“a Terra-mãe, a mais querida das amas”, v.16), associado ao da nau, que o dedicado governante garante defender, está já presente na enérgica aparição de Etéocles na abertura da peça, a primeira grande personagem do palco europeu, como Kitto o sublinha¹⁴. Mas o mesmo prólogo termina com a invocação de Etéocles, renovada, aos deuses protectores, em termos que deixam adivinhar a eficácia futura de uma antiga maldição. Trata-se de uma estratégia dramática tão do gosto de Ésquilo e desconcertante no modo como o poeta a executa aqui (69-75):

Ó Zeus, ó Terra, ó deuses da minha pátria! Ó Maldição, Erínia poderosa de meu pai! Não arranqueis do solo, pela raiz, esta cidade, aniquilada pelo inimigo, ela que fala a língua grega, e as suas casas, com seus lares. Não submetais nunca ao jugo da escravatura esta terra de Cadmo, uma terra livre.

Etéocles invoca os valores da *eleutheria* e da identidade grega da cidade, ameaçada pelo jugo da escravatura. Invoca, em sua defesa, a própria maldição paterna. Pensará, talvez, na sua eficácia contra o empreendimento de Polinices, ainda sem a consciência de que o seu e o destino de Polinices são o mesmo, envoltos na mesma maldição, o que os versos 662 *sqq.*, na cena dos escudos, parecem confirmar — segundo ele, Polinices é o maldito desde o ventre que o gerou, desde o primeiro dia em que viu a luz e cresceu até se tornar um homem. O sangue é, afinal, o mesmo que corre nas veias de ambos¹⁵. Não o ver é cegueira trágica de um protagonista obcecado – devotado à causa pública, mas bem filho da raça de Édipo.

¹⁴ H. D. F. Kitto, *A tragédia grega*, (trad. port. J. M. Coutinho e Castro: London, Methuen, 1966³), (Coimbra, Arménio Amado 1972) vol. I, . 106. Sobre este primeiro discurso de Etéocles *vide i. a.* M. O. Pulquério, “A personagem de Etéocles em *Sete contra Tebas* de Ésquilo”, *Mathesis*, 1 (1972) 12-13; H. Kuch, “Die Ansprache des Eteokles. Zu Aischylos’ *Sieben gegen Theben* 1-38” *Acta Antiqua*, 32 (1989) 217-223.

¹⁵ C. Froidefond, “La double fraternité d’Étéocle et Polynice (les *Sept contre Thèbes* v. 576-579)”, *REG* 90 (1977) 211-222.

O dedicado Etéocles entende, à partida, que o interesse da vitória é dos próprios deuses e que esse deve ser o pensamento condutor da manifestação religiosa do Coro de Mulheres. Como dominar o medo dos mais fracos, como programar, pela força da *peitharchia* com que o governante entende conduzir a pólis, a manifestação de religiosidade da comunidade?...

O espectador sente então, desde bastante cedo, que a dedicação de Etéocles à defesa da cidade e o destino da própria cidade tendem a separar-se de modo a que cada um há-de seguir o seu caminho. Etéocles, na caracterização que o espectador pode ir fazendo do protagonista, revela-se progressivamente filho daquela casa real em que oráculo, maldição e sonho se encadeiam, tal como se encadeiam no destino de Polinices, para o desenlace final.

O destino de ambos, tal como o destino de Laio e o de Édipo, andaram associados a momentos de crise profunda da cidade. Outrora a Esfinge, enviada como castigo de Hera, também havia posto a pólis tebana em perigo – perigo esse que a intervenção de Édipo afastara, para introduzir perigos renovados, pela força do oráculo e pela força da sua própria maldição.

Mas no antigo oráculo a Laio Apolo associara a salvação ou destruição da cidade à inexistência ou existência de descendentes do monarca. Quando o Coro recorda essas antigas palavras divinas, no estásimo II, fá-lo num contexto em que sente próxima a destruição recíproca dos descendentes de Laio.

Falhou o deus a sua previsão, já que Laio teve filhos? O oráculo aproxima-se, na sua formulação, do tratamento que Sófocles dará à palavra divina, ambígua, obscura, e formulada de um modo que o homem apreende enganadoramente como alternativa. O termo *genna*, como o nota Thalmann¹⁶, pode em grego significar ‘filhos’ mas, mais latamente, ‘descendência’. Assim sendo, em última análise Apolo prevê que a descendência de Laio representa um perigo para a pólis. Competirá a Laio proteger ou não a pólis desse perigo mas, ainda que o não faça, pela sua *parbasia*, a pólis salvar-se-á sempre porque a casa de Laio acabará destruída — e destruída por força do braço dos seus próprios descendentes.

Winnington-Ingram entende que, nesta trilogia, o tema da pólis é dominante¹⁷.

A função do que parece ter sido um sonho, na sequência dramática anterior a *Septem* (710-711), da visão do *datates* que virá repartir com

¹⁶ *Op. cit.* 22-23.

¹⁷ R. P. Winnington-Ingram, *Studies in Aeschylus* (Cambridge, University Press 1983) 20.

a espada a herança entre os dois príncipes, pode ser a de sublinhar, de modo mais evidente, que o que na sequência geracional da casa de Laio é entendido como uma luta pelo poder de Tebas, como uma luta de sucessão e de direito ao património herdado, adquire, aos olhos dos deuses e no contexto de uma ordem mais lata, uma outra dimensão¹⁸. Trata-se da existência autónoma da pólis, liberta da noção de governo como posse e animada de um poder imanente que lhe é dado pela sua própria natureza e pela conformidade com a natureza da natureza. Assim ela sobreviverá.

Mas sobreviverá sobre quê? Sobreviverá sobre lutas fratricidas, animadas por uma *physis* distorcida que não reconhece laços de sangue nem de pertença política. Sobreviverá, enquanto pólis grega, da ameaça de destruição por Gregos, unidos numa *symmachia* comandada por um cidadão ressentido e consolidada por ambições de domínio e posse de gregos de outros estados. Gregos contra Gregos. É esse o espectáculo que o Coro teme antecipadamente, nas suas bárbaras consequências (321-330):

Seria lamentável precipitar no Hades uma cidade ancestral, refém caçado pela lança, reduzida a cinzas frias, devastada, com ignomínia, por mão de Aqueus (*hyp'andros Achaiou*), por desígnio divino!

E que as suas mulheres fossem arrastadas – viúvas dos guerreiros, ai!, jovens e anciãs, à uma – pelos cabelos, como se fossem éguas, as vestes em farrapos, enquanto a cidade vai ficando vazia, no meio de clamores, e caminhando para a morte...

Através do estilo de visualismo descritivo desta peça Ésquilo parece ter proposto uma reflexão fulcral à Atenas da época, em plena construção do seu poderio, contra Persas mas também contra Gregos.

O retrato do Grego atacante, como o Outro que se configura e destaca, ameaçador, dentro da própria identidade helénica, é submetido a um processo de barbarização insinuada.

A descrição do Mensageiro, do modo como os sete chefes inimigos celebram a sua aliança, mergulhando as mãos no sangue de um touro

¹⁸ Sobre a fusão entre o motivo da maldição e o sonho vide A. Burnett, “Curse and Dream in Aeschylus’ *Septem*”, *GRBS* 14 (1973) 343-368.

sacrificado, evoca rituais mágico-religiosos que não são, de modo algum, gregos¹⁹.

Por sua vez, o Coro, no párodo, suplica aos deuses (166-170):

Ai!, ó deuses todo-poderosos, perfeitos protectores desta terra e das suas muralhas, não entregueis esta cidade, martirizada pela lança, nas mãos de um exército que fala outra língua (*heterophonoi stratoi*, 170).

Não se trata aqui de outra língua, mas da pura diferença de dialecto, pela qual o Grego identificava o lugar de proveniência do falante, dentro do mapa dialectal da Hélade; mas, ainda assim e acima de tudo, grego. É o falar grego, esse *philtaton phonema* (Soph. Ph. 235), ainda que não da sua terra natal, que o Filoctetes sofocliano identifica em Neoptólemo. No entanto, essa diferença, expandida aqui por Ésquilo, contrasta com o falar de Tebas como *Hellados phthongon*, 72-73.

Dentro ainda desse processo de barbarização através do elemento descritivo entendemos o qualificativo da respiração dos cavalos de Etéoclo, com um “ruído bárbaro” (*barbaron tropon*, 463), pela criação de um belo processo de hipálage, que atinge o cavaleiro, mas a quem Ésquilo não poderia atribuir a classificação de ‘bárbaro’, pois de um grego vindo de Argos se trata²⁰.

Todavia, no contexto em apreço de *Septem*, é o excesso ameaçador do inimigo e das suas ruidosas manifestações exteriores de ferocidade, da ostentação de escudos e emblemática de guerra que encena essa ameaça o que está em causa. Os cavalos de Etéoclo, com o som bárbaro do seu resfolegar (*barbaron bromon*, v. 463), funcionam como uma espécie de prolongamento do seu cavaleiro. O epíteto soa como uma espécie de hipálage e o cavaleiro, como nota Rosenmeyer, é abafado pela caracterização de excesso do seu cavalo. Isto reforça a animalização

¹⁹ W. Burkert, *Seven against Thebes: an Oral Tradition between Babylonian Magic and Greek Literature*, (Padova, Editrice Antenore 1981) nota a similaridade de concepção do grupo dos sete atacantes, que têm por detrás de si o patrocínio de Adrasto, com a mitologia babilónia (pp. 38 *sqq.*). O mesmo acontece com o par de irmãos. Nota o eminente helenista que é obviamente impensável a influência grega sobre a narrativa da Babilónia, sendo o inverso possível.

²⁰ A qualificação de bárbaro para um ruído ou voz animal será utilizada em *Agamémnon*, 1050-1051, com referência a Cassandra: *chelidonos ...agnota phonen barbaron*

sugerida já em v. 381, na comparação entre o grito desmedido de Tideu e o de uma serpente (*hos drakon*)²¹.

Helen Bacon sugere que este comportamento de excesso corresponde a uma tática bélica de intimidação tipicamente persa e que Ésquilo bem devia conhecer²². Mais ainda: a autora reconhece que, para além do grito ameaçador, a iconografia falante dos escudos remete para um mundo de magia identificado com Oriente. É esse contexto que justifica a reacção verbal de Etéocles, na cena dos escudos, na sequência da descrição de cada um deles, como uma tentativa de fazer recair o *omen* sobre quem o produziu²³. Orientalizante é, ainda, a cor de toda a cena, a conjugar-se com o ruído.

As referências identificativas de um Outro, bárbaro, são, pois, reconhecíveis pelo público ateniense na descrição do exército sitiante, ao mesmo tempo que a invasão antevista pelo Coro é identificada como a de Gregos que atacam, escravizam e destroem cidades gregas. A cultura da liberdade impõe, assim, jugos de escravatura dentro do seu próprio espaço identitário. Os tebanos defendem a grega liberdade, os atacantes são gregos e, ainda assim, a sua acção bélica é ameaça de bárbara escravatura²⁴.

Instaladas estão as condições para que os Gregos desagregados, diversamente dos Gregos da Salamina esquiliana de *Persas*, vejam cair sobre si um destino idêntico ao de Xerxes. A configuração dramática de *Septem* parece antecipar a subversão euripidiana do binómio Grego/Bárbaro: quem é, afinal, o verdadeiro bárbaro? Não possui a Hélade, no seu seio, potenciais de barbárie autodestruidora? Quais são as referências dramáticas com que o espectador ateniense, com que Atenas se reconhece na dramatização do destino da casa dos Labdácidas?

A pólis, enquanto que pólis, sobrevive à crise e à agressão, porque os deuses a sustentam, mas a experiência do perigo iminente, o confronto com gente da mesma raça, gente que partilha uma identidade em que o sentido se perdeu, deixa as suas marcas. O confronto foi provocado pela ganância, sob a forma de impulso comandado pela maldição que leva ao castigo da casa real imposto pelos deuses, no mito.

²¹ Th. Rosenmeyer, “Seven against Thebes. A Tragedy of War”: *The Masks of Tragedy* (Austin, University of Texas Press 1963) 34 *sqq.*

²² H. Bacon, “The Shield of Eteocles”, *Arion*, 3 (1964) 27-38.

²³ *Op. cit.* 20.

²⁴ Th. Rosenmeyer, *op. cit.* 14.

Em *Persas*, Ésquilo converteu a História em mito, para dela extrair uma mensagem universal. Em *Sete contra Tebas* Ésquilo converteu o mito em expressão da realidade política que, ao tempo, se delineava e anunciava os caminhos que o velho combatente de Salamina previra, para uma Hélade fragilmente coesa. É que a ganância dos que comandam impulsiona os grandes movimentos de fractura dentro da pólis ou entre as pólis. Esses cairão, a pólis sobreviverá. Mas até quando pode ela sobreviver, até quando conservará a Hélade a sua identidade e imunidade, baseada em valores de *eleutheria* que ela não respeita dentro de si mesma? Não é já o Bárbaro o único factor de ameaça para a Hélade, mas essa espécie de ‘barbarização’ que entrou dentro da Hélade, como uma tempestade que ataca a própria terra e os seus frutos, ao disputar poder, ao ignorar laços de sangue – que representam, aqui, os laços da própria identidade colectiva.

Por isso o verdadeiro sentido do oráculo de Apolo, finalmente compreendido quase no termo da acção, aponta para a necessária destruição de uma casta – a que se deixou envolver pelo excesso e pôs, acima dos interesses de estado, as fraquezas próprias -, para preservar, impune, a pólis. Uma pólis, contudo, desgastada pela agitação, medo, incerteza, ameaça sobre as suas instituições – vivências da guerra que dificilmente se deixarão apagar.

A História do tempo, no seu decurso, o mostrará, de forma ainda mais cruel, pois, em última análise, a semente que germina e dará frutos com a destruição do sistema político é já visível.